

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

# Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas 2

**Atena**  
Editora  
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas  
Críticas e Teóricas 2

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas 2 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 2)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-378-1 DOI 10.22533/at.ed.781190506  1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série.  CDD 407
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Uma grande partilha de saberes é revelada neste livro aos diversos leitores e interlocutores desta obra. Todos os trabalhos que dão formas a este livro partem de correntes teóricas e práticas em que os autores se identificam, além disso, esta coletânea revela e mostra como as múltiplas motivações cooperam para a ampliação dos conhecimentos a serem adquiridos pelos sujeitos que aceitam o desafio de desbravar cada estética e poética textual.

Neste segundo volume da coletânea, a diversidade de temas tratados insere-se na tríade: *letras, linguística e artes*. São tratados neste livro quarenta e um trabalhos de variados autores que admitem a necessidade de realização e amostragem da pesquisa científica, porque mesmo alguns dizendo que no Brasil não se produzem conhecimentos, mostramos que produzimos sim, produzimos muita ciência.

No primeiro capítulo, os autores demonstram a importância cultural imaterial existente nos mitos e lendas da cidade de Barreirinhas, Estado do Maranhão. No segundo capítulo, alguns resultados são apresentados sobre a realização do procedimento sequência didática a partir de um gênero textual. No terceiro capítulo são compreendidos os diversos aspectos na obtenção das noções gerais do processo administrativo fiscal.

No quarto capítulo, os autores problematizam reflexões sobre as polêmicas existentes entre os conceitos de normalidade e anormalidade. No quinto capítulo, a autora analisa o conto *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis, sob o viés do Discurso Religioso. No sexto capítulo há uma exposição de uma pesquisa cujo tema foi a aprendizagem da língua inglesa com o uso de jogos pedagógicos como estratégias de motivação para o aluno aprender um idioma estrangeiro.

No sétimo capítulo, os autores relatam uma experiência desenvolvida no Ensino Médio Integrado do Campus Paraíso do Tocantins, do Instituto Federal do Tocantins. No oitavo capítulo o ensino de língua inglesa para crianças é tomado como ponto de reflexão. No nono capítulo, a autora apresenta resultados parciais de entrevistas referentes ao ensino de língua italiana para a terceira idade.

No décimo capítulo, os autores relatam algumas experiências vividas durante um projeto de ensino de língua italiana voltado ao público infantil. No décimo primeiro capítulo, as autoras apresentam os aspectos referentes ao funcionamento do cérebro humano no ato de ler e os aspectos cognitivos envolvidos na leitura. No décimo segundo capítulo, a autora analisa como os discursos médicos sobre a loucura e as instituições estatais à enfermidade psíquica se destoam da descrição dos internos a respeito da experiência da insanidade e com o respectivo aparato clínico e institucional.

No décimo terceiro capítulo, as autoras discutem a inclusão do internetês como prática escolar em uma tentativa de aproximação do ensino da língua portuguesa com a realidade dos alunos. O autor do décimo quarto capítulo apresenta e sugere algumas estratégias de ensino no contexto da Educação de Jovens e Adultos, reiterando que

não devem ser seguidas como fórmulas infalíveis, mas como formas de problematizar as práticas de professores. No décimo quinto capítulo é discorrido sobre a conceituação de reificação do sujeito, concebida pelo filósofo alemão Axel Honneth.

No décimo sexto capítulo, os autores discutem como o Programa Inglês sem Fronteiras, na Universidade Federal de Sergipe tem contribuído para a formação de professores de língua inglesa. No décimo sétimo capítulo, as autoras sistematizam as relações musicais e sociais de um grupo de jovens no decorrer de encontros de musicoterapia, utilizando-se da pesquisa qualitativa. No décimo oitavo capítulo, as autoras analisam e investigam os efeitos de sentidos dos discursos sobre a inclusão do sujeito surdo no ensino regular.

No décimo nono capítulo é discutido a subutilização do texto poético em salas de aula do Ensino Fundamental. No vigésimo capítulo, as autoras apresentam uma análise sobre a organização pedagógica do trabalho com Educação Física na Educação Infantil do Campo, identificando o lugar que ocupam os jogos e as brincadeiras no universo escolar das crianças do campo. No vigésimo primeiro capítulo, o autor averigua a incidência de textos sagrados das tradições monoteístas do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo no romance *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar.

No vigésimo segundo capítulo são propostas algumas reflexões sobre a atuação do psicólogo dentro do universo escolar. No vigésimo terceiro capítulo, os autores estabelecem ligação entre a arte urbana e o geoprocessamento, com a finalidade de explorar a pluralidade de leituras do espaço urbano do município do Rio Grande – RS. No vigésimo quarto, a autora reflete sobre o trabalho com a produção, correção e reescrita textual, decorrente de um processo de Formação Continuada de ações colaborativas promovidas pela pesquisadora.

No vigésimo quinto capítulo, a autora apresenta resultados de uma pesquisa que problematiza a maneira como uma coletânea de material didático de língua inglesa para o ensino médio é investigada. No vigésimo sexto capítulo, a autora explora o possível auxílio que os dicionários de sinônimos poderiam oferecer a estudantes de espanhol de níveis mais avançados que necessitam executar tarefas pedagógicas de produção. No vigésimo sétimo capítulo um projeto de extensão e todas as suas etapas são apresentados pelas autoras.

No vigésimo oitavo capítulo, as autoras refletem as relações entre linguagem e poder por meio de análises de posicionamentos dos internautas em notícias veiculadas em sites e postagens em mídias sociais que mostrem a influência do uso da norma culta e debates sobre a língua. No vigésimo nono capítulo, a autora problematiza a representação sobre o indígena como cultura minoritária constituída pela esfera jurídico-administrativa cujo eco discursivo repercute na esfera educacional brasileira. No trigésimo capítulo, os autores discorrem sobre as noções de sentidos no Curso de Linguística Geral, de Ferdinand de Saussure, abordando questões de sentido e referência de um sistema linguístico.

No trigésimo primeiro capítulo, a autora desenvolve a ação pedagógica adotando

uma postura interdisciplinar e de trabalho em equipe, construindo competências e saberes educacionais, além de colaborar com a formação musical dos integrantes do grupo. No trigésimo segundo capítulo, os autores estudam o sofrimento amoroso e a afinidade do amor nas canções brasileiras passionais separando-as em duas subcategorias. No trigésimo terceiro capítulo, os autores colocam em discussão a linguagem audiovisual da série animada estadunidense de humor *South Park*, no tratamento da religião islâmica como forma de desobediência e resistência ao chamado radicalismo religioso do grupo Estado Islâmico.

No trigésimo quarto capítulo, os autores propõem uma nova sequência didática para trabalhar o gênero textual cardápio nas aulas de língua inglesa. No trigésimo quinto capítulo, os autores apresentam uma leitura do romance juvenil *O Fazedor de Velhos*, de Rodrigo Lacerda, alisando os elementos estruturais da narrativa, como a configuração da personagem principal, do espaço e do narrador. No trigésimo sexto capítulo, os autores investigam o romance *Rua do Siriri*, de Amando Fontes, com a finalidade de elucidar como as mulheres viviam durante o período histórico discutido no texto literário.

No trigésimo sétimo capítulo, as autoras investigam os estereótipos veiculados pelo discurso midiático referente à ocupação da mesa do senado durante a Reforma Trabalhista, 2017. No trigésimo oitavo capítulo, a autora verifica como os livros didáticos de Língua Portuguesa do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental indicados pelo Ministério da Educação, por meio do Plano Nacional do Livro Didático, 2016, apresentam e exploram a variação linguística. No trigésimo nono capítulo, a autora apresenta um estudo investigativo à luz dos vínculos linguístico-culturais e identitários de professores de língua inglesa.

No quadragésimo capítulo, a autora analisa a natureza de contexto a partir de dados obtidos em grupos de leitura compartilhada sob uma perspectiva ecológica. E, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo, o contexto da Educação Infantil na relação com a formação de professores representa o foco de discussão, partindo, sobretudo da cultura corporal nesse contexto de ensino.

Desejamos aos leitores um proveitoso passeio pelas reflexões inseridas em cada capítulo e que as teorias e as práticas sejam capazes de problematizar a construção de novos conhecimentos aos interlocutores que queiram desvendar esta coletânea.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
MEMORIA CULTURAL: OS MITOS E AS LENDAS QUE ENCANTAM A COMUNIDADE E VISITANTES DE BARREIRINHAS – MA	
Fernanda Carvalho Brito	
Monique de Oliveira Serra	
Michelle de Sousa Bahury	
Luciano Torres Tricário	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905061</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
MINHA TERRA TEM HISTÓRIAS-O GÊNERO CORDEL NO ALEGRE	
Aleide Josse Rodrigues Ataide Costa	
Rosilene Alves de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905062</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
NOÇÕES GERAIS DO PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL	
Marina de Alcântara Alencar	
Priscila Francisco da Silva	
Marcondes da Silveira Figueiredo Junior	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905063</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>36</b>
NORMALIDADE E ANORMALIDADE	
DISCUTINDO ENQUADRAMENTOS COMPORTAMENTAIS	
Paulo de Tasso M. de Alexandria Junior	
Jéssica Gontijo Nunes	
Juliane Hirosse Malizia	
Mariana Araújo Bichuete Cavalcante	
Millais Lariny Soares Rippel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905064</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
O DISCURSO RELIGIOSO NO CONTO A IGREJA DO DIABO, DE MACHADO DE ASSIS: INTERTEXTUALIDADE ENTRE BÍBLIA E LITERATURA	
Priscilla Cruz Delfino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905065</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>69</b>
O ENSINO DE INGLÊS POR MEIO DE JOGOS PEDAGÓGICOS: UMA ESTRATÉGIA PARA O ENVOLVIMENTO ATIVO DO ALUNO COM A APRENDIZAGEM DE UM NOVO IDIOMA	
Claudecy Campos Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905066</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>85</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DE FORMA INTERDISCIPLINAR, INTERCULTURAL E LÚDICA: ESPANGLISH, UM EXEMPLO DE INOVAÇÃO	
Graziani França Claudino de Anicézio Márcia Sepúlveda do Vale Roberto Lima Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905067</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>95</b>
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS NO PIBID: APRENDIZADOS E EXPERIÊNCIAS	
Anna Clara de Oliveira Carling Riscieli Dallagnol	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905068</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA A TERCEIRA IDADE	
Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7811905069</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>115</b>
O ENSINO DE LÍNGUA ITALIANA PARA CRIANÇAS	
Alessandra Camila Santi Guarda Gabriel Bonatto Roani Wânia Cristiane Beloni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050610</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
O FUNCIONAMENTO DO CÉREBRO E OS PROCESSOS COGNITIVOS ENVOLVIDOS NO ATO DE LER NUMA PERSPECTIVA DA NEUROCIÊNCIA	
Silvana Lúcia Costabeber Guerino Janaína Pereira Pretto Carlesso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050611</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>132</b>
O HOSPÍCIO EM DISPUTA: O DISCURSO MÉDICO E A LITERATURA BARRETEANA	
Roberta Teixeira Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050612</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
O INTERNETÊS NA ESCOLA	
Lidiane da Silva Alves Marta Marte Guedes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050613</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>155</b>
ESTRATÉGIAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050614</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>164</b>
O NÃO RECONHECIMENTO DO OUTRO E A EDUCAÇÃO: A REIFICAÇÃO DE AXEL HONNETH	
<a href="#">Caroline Mitidieri Selvero</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050615</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>175</b>
O PROGRAMA INGLÊS SEM FRONTEIRAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE INGLÊS: LEGISLAÇÃO E PERCEPÇÕES	
<a href="#">Luana Inês Alves Santos</a>	
<a href="#">Sérgio Murilo Fontes de Oliveira Filho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050616</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>181</b>
O QUE EXPRESSAM OS JOVENS QUANDO CRIAM MÚSICA: A MUSICOTERAPIA MEDIANDO INTERAÇÕES	
<a href="#">Neide A. Silva Gomes</a>	
<a href="#">Rosemyriam Cunha</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050617</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>195</b>
O SUJEITO SURDO NO ENSINO REGULAR: ANÁLISE DOS DISCURSOS DA LEI 10.436 E DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO	
<a href="#">Maria Andreia Lopes da Silva</a>	
<a href="#">Marilza Nunes de A. Nascimento</a>	
<a href="#">Claudete Cameschi de Souza</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050618</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>205</b>
O TEXTO POÉTICO EM SALA DE AULA: ESSE BEM INCOMPREENSÍVEL	
<a href="#">Valdenides Cabral de Araújo Dias</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050619</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>218</b>
O TRABALHO PEDAGÓGICO COM JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO	
<a href="#">Elizabeth Pereira Barbosa</a>	
<a href="#">Luciana Freitas de Oliveira Almeida</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050620</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>230</b>
OS PALIMPSESTOS SAGRADOS DA <i>LAVOURA ARCAICA</i>	
<a href="#">Raphael Bessa Ferreira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050621</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>243</b>
PENSANDO O FAZER DA PSICOLOGIA NO AMBIENTE ESCOLAR	
<a href="#">Luiza Bäumer Mendes</a>	
<a href="#">Marcele Pereira da Rosa Zucolotto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050622</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>249</b>
POÉTICAS URBANAS: CARTOGRAFIA DE GRAFFITI EM RIO GRANDE/RS	
Bianca de Oliveira Lempek De-Zotti Christiano Piccioni Toralles Raquel Andrade Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050623</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>262</b>
PRÁTICAS DIALÓGICAS DE LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO EM SALA DE AULA COM OS COMANDOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL COMO ATIVIDADE DE INTERAÇÃO	
Dayse Grassi Bernardon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050624</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>274</b>
PROCESSO DE DESTERRITORIALIZAÇÃO EM ATIVIDADES DE LI	
Silvelena Cosmo Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050625</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>290</b>
PRODUÇÃO TEXTUAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: A CONTRIBUIÇÃO DOS DICIONÁRIOS DE SINÔNIMOS	
Laura Campos de Borba	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050626</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>305</b>
PROJETO DE EXTENSÃO: LEARN ENGLISH	
Tamara Angélica Brudna da Rosa Victória Botelho Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050627</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>310</b>
RELAÇÕES DE PODER DECORRENTES DO DOMÍNIO DA NORMA CULTA: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS VIRTUAIS	
Caroline Melo Ana Amélia Furtado de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050628</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>326</b>
REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO INDÍGENA EM DOCUMENTO OFICIAL E SUA REPERCUSSÃO NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Icléia Caires Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050629</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>342</b>
SAUSSURE E WITTGENSTEIN: SENTIDO E REFERÊNCIA NO INTERIOR LINGUAGEM LÓGICO- FORMAL	
Julio Neto dos Santos Ivanaldo Oliveira dos Santos Filho Daniella Brito Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050630</b>	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>352</b>
SÉRIE CONCERTOS DIDÁTICOS DA “CONFRARIA DE LA YERBA”	
Carla Eugenia Lopardo	
DOI 10.22533/at.ed.78119050631	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>361</b>
SOFRIMENTO AMOROSO E FINITUDE DO AMOR NA CANÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: ANÁLISE DE DUAS CANÇÕES	
Carlos Vinicius Veneziani dos Santos Gabriela Ramalho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78119050632	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>376</b>
SOUTH PARK E O ESTADO ISLÂMICO: A LINGUAGEM AUDIOVISUAL COMO FORMA DE DESOBEDIÊNCIA E RESISTÊNCIA	
Lucas Mestrinheire Hungaro Roselene de Fátima Coito	
DOI 10.22533/at.ed.78119050633	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>384</b>
TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO	
Camila Rangel de Almeida Esther Dutra Ferreira Joane Marieli Pereira Caetano Laís Teixeira Lima Carlos Henrique Medeiros de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.78119050634	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>397</b>
UM HERÓI EM FORMAÇÃO: O PASSAR DO TEMPO EM <i>O FAZEDOR DE VELHOS</i> , DE RODRIGO LACERDA	
Marcilene Moreira Donadoni José Batista de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.78119050635	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>413</b>
UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DA MULHER EM <i>RUA DO SIRIRI</i> , DE AMANDO FONTES	
Viviane da Silva Valença Alisson França Santos	
DOI 10.22533/at.ed.78119050636	
<b>CAPÍTULO 37</b> .....	<b>422</b>
UMA INVESTIGAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS VEICULADOS PELO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE A OCUPAÇÃO DA MESA DO SENADO DURANTE A REFORMA TRABALHISTA EM 2017	
Camila Kayssa Targino Dutra Verônica Palmira Salme Aragão	
DOI 10.22533/at.ed.78119050637	

<b>CAPÍTULO 38</b> .....	<b>437</b>
VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DO 2º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I	
<a href="#">Mirely Christina Dimbarre</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050638</b>	
<b>CAPÍTULO 39</b> .....	<b>449</b>
VÍNCULOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS E IDENTITÁRIOS DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA	
<a href="#">Luciana Specht</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050639</b>	
<b>CAPÍTULO 40</b> .....	<b>459</b>
LINGUÍSTICA ECOLÓGICA: A NATUREZA DO CONTEXTO EM UMA PRÁTICA DE MULTILETRAMENTOS	
<a href="#">Raquel Souza de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050640</b>	
<b>CAPÍTULO 41</b> .....	<b>468</b>
ACULTURA CORPORAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
<a href="#">Joseane da Silva Miller Rodrigues</a>	
<a href="#">Eliane Aparecida Galvão dos Santos</a>	
<a href="#">Fernanda Figueira Marquezan</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050641</b>	
<b>CAPÍTULO 42</b> .....	<b>476</b>
O CAMPO DA ARTE E SUAS RELAÇÕES COM A TECNOLOGIA: REALIDADE VIRTUAL	
<a href="#">Michelle Sales</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78119050642</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>490</b>

## TO SEE OR TO EAT? - A REFORMULAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DO GÊNERO CARDÁPIO

**Camila Rangel de Almeida**

**Esther Dutra Ferreira**

**Joane Marieli Pereira Caetano**

**Laís Teixeira Lima**

**Carlos Henrique Medeiros de Souza**

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo propor uma nova Sequência Didática (SD) para se trabalhar o gênero cardápio em aulas de Língua Inglesa (LI), tendo como leitura, qualitativa, o artigo “Gêneros de textos por meio de práticas sociais em Língua Inglesa: o papel da sequência didática produzida por pibidianos”, de autoria de Corrêa, Brito e Tognato (2018). Em um primeiro momento será realizada uma contextualização sobre as SD e seu uso. Em seguida, realiza-se uma pesquisa bibliográfica sobre a metodologia do Ensino de LI, e, em última seção de observação e análise bibliográfica, o trabalho utiliza o texto de Corrêa et al. (2018) para observar as considerações realizadas pelos autores nas SD produzidas por pibidianos e, com base nisso, sugerir possibilidades de aperfeiçoamentos teórico e prático da abordagem de ensino. Como resultados do trabalho, será exposta uma reformulação da SD com base nas avaliações prévias. A pesquisa utiliza como aporte teórico os textos de Brito, Corrêa e Tognato (2018), Cristóvão e Pontara (2017), Marcuschi (2008) e

Schneuwly e Dolz (2004).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sequências Didáticas. Metodologia de Ensino. Língua Inglesa.

**ABSTRACT:** This article aims to propose a new Didactic Sequence (DS) to work the menu genre in English Language (EL) classes, having as a qualitative reading the article “Genres of texts through social practices in English Language: the role of the didactic sequence produced by pibidians”, by Correa, Brito and Tognato (2018). In a first moment it will be realized a contextualization on DS and its use. Then, a bibliographical research on the methodology of EL Teaching is carried out, and, in the last section of observation and bibliographical analysis, the work uses the text of Corrêa et al. (2018) to observe the considerations made by the authors in the DS produced by pibidians and, based on this, to suggest possibilities of theoretical and practical improvement of the teaching approach. As results of the work, a reformulated DS will be exposed based on previous assessments. The research uses as theoretical contribution the texts of Brito, Corrêa and Tognato (2018), Cristóvão and Pontara (2017), Marcuschi (2008) and Schneuwly and Dolz (2004).

**KEYWORDS:** Didactic Sequences. Teaching Methodology. English Language

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Atualmente percebe-se o aumento do quantitativo de trabalhos e pesquisas acadêmicas sobre propostas didáticas voltadas para o ensino de gêneros em inglês, seja com o auxílio de Sequência Didática (SD) ou não. Entretanto, observa-se que poucos deles exploram de modo adequado e amplo as capacidades linguísticas necessárias para se trabalhar as quatro capacidades de linguagem envolvendo a Língua Inglesa (LI): capacidade de ação, discursiva, linguístico-discursiva e de significação.

Decerto, são poucos os trabalhos que propõem o estudo conjunto das quatro habilidades, muitos acabam por deixar alguma habilidade lado ou não trabalhá-la adequadamente. Além disso, são poucas as variedades de gêneros realmente explorados.

A referente pesquisa, com base nessas informações, buscou, partindo da leitura e análise do artigo “Gêneros de texto por meio de práticas sociais em Língua Inglesa: o papel da sequência didática produzidas por pibidianos” (Corrêa et al., 2018), propor uma SD para se trabalhar o gênero cardápio em aulas de LI. Sendo assim, é pertinente realizar uma contextualização sobre as SD, assim como uma análise sobre o ensino de LI e suas capacidades de linguagem, as quais serão realizadas nas seções seguintes.

### 1 | SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: CONTEXTUALIZAÇÃO PRELIMINAR

Em sua definição, a SD é considerada “uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem” (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p.43). Ainda segundo os autores, a SD é utilizada para estabelecer um contato entre a “prática de linguagem” que está sendo trabalhada para apropriação e o método que será utilizado para essa tarefa.

O principal foco do uso das SD é o trabalho com gêneros textuais, a fim de desenvolver o domínio sobre a interpretação e a produção de diferentes tipos de gêneros. A intenção de utilizá-la para o trabalho com textos em sala de aula é a de permitir que o aluno tenha total contato com as características e funcionalidades de textos que circulam cotidianamente em suas práticas sociais, de modo que realize atividades e, através de revisões e refações, perceba como pode melhorar sua produção textual, por consequência, sua aprendizagem.

Quando se falava em SD, durante os primeiros estudos, existiam as discussões sobre *progressão*. O objetivo das SD “devia adaptar-se às capacidades e às dificuldades dos alunos nela engajada. Tratava-se, sobretudo, de promover mudanças associadas a uma situação específica de aprendizagem.” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 45). Entende-se, então, que os primeiros estudos observavam a SD como um plano de progressão de tarefas voltado ao desenvolvimento de certas habilidades e competências do indivíduo. Segundo os autores, a progressão também é considerada uma tradição escolar, pois conseguiram, com os gêneros, as primeiras progressões

propostas nos currículos escolares.

Vemos, sobretudo, que o trabalho utilizando gênero textuais permite a adaptação às situações de comunicação do dia a dia, visto que cada momento que se tem no decorrer do dia pode envolver situações de comunicação diferentes. Se em um momento um pedestre passa por uma propaganda em um *outdoor*, precisará ativar e processar características formais e funcionais do gênero para compressão. Em outro momento, pode estar em uma caminhada e se deparar com um teatro a céu aberto em que os atores estejam realizando críticas sociais, sendo necessário ter conhecimentos sobre esse outro gênero também.

Apesar de muito acharem que o domínio sobre textos e suas produções é exclusivamente necessário para escola, ele é algo recorrente no cotidiano de muitos. Em qualquer momento do dia é possível entrar em contato com um gênero diferente, que exige um mínimo de conhecimento para sua compreensão.

A contextualização histórica do uso e do conceito dos gênero textuais anda bastante vinculada à noção de SD, devido a esse fato, é pertinente entender, também, o percurso histórico dos gêneros textuais.

Segundo Marcuschi (2008), os primeiros estudos realizados, pelo ocidente, ligavam a expressão “gênero” aos textos (gêneros) literários, especificamente. Tais estudos se iniciaram, primordialmente, com Aristóteles que, ainda segundo Marcuschi (2008), relacionava a “natureza dos gêneros” com a do discurso. Desse modo, então, afirma-se que utilizar gêneros textuais é trabalhar o discurso e, assim sendo, seus elementos e características. Existem três elementos principais que compõem o discurso: “(a) aquele que fala; (b) aquilo que se fala e (c) aquele a quem se fala.” (ARISTÓTELES apud MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Mesmo que Aristóteles tenha iniciado os estudos sobre gêneros, trabalhando apenas com o judiciário, deliberativo e epidítico (demonstrativo), as suas noções e como ele estabelece a relação entre discurso e gênero estão presentes até hoje. Ao escolher o tipo de gênero a ser utilizado, é preciso analisar quem estará promovendo o discurso, o que está sendo debatido e quais os interlocutores previstos. Por exemplo: se a informação for sobre um atentado terrorista e um âncora de jornal passará essa informação para, especificamente, os telespectadores do programa de jornal, o gênero notícia será escolhido.

Entende-se que, antes de ser um grande conteúdo e habilidade necessária para ser desenvolvida por estudantes, o gênero é um meio de discurso, um meio de realizar a atividade comunicativa, seja oralmente ou de maneira escrita.

Sobrepondo essa perspectiva, em dado momento do percurso do uso das SD e sua noção de progressão, surge o conceito de “práticas sociais de referência” (MARTINAND apud SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 61), pois, segundo Martinand apud Schneuwly e Dolz (2004), o gênero passou a ser um meio de articular e relacionar as práticas sociais do indivíduo e seus conteúdos escolares, especificamente, o domínio da produção textual de textos escritos e orais. É estabelecido, desse modo, o foco do

trabalho com textos nas escolas, os quais visam utilizar um método de ensino - as SD -, buscando facilitar o processo de ensino.

Parte-se, agora, para a estrutura de uma SD e o modo como ela é trabalhada em sala. O modelo-base de sua estrutura é o seguinte:

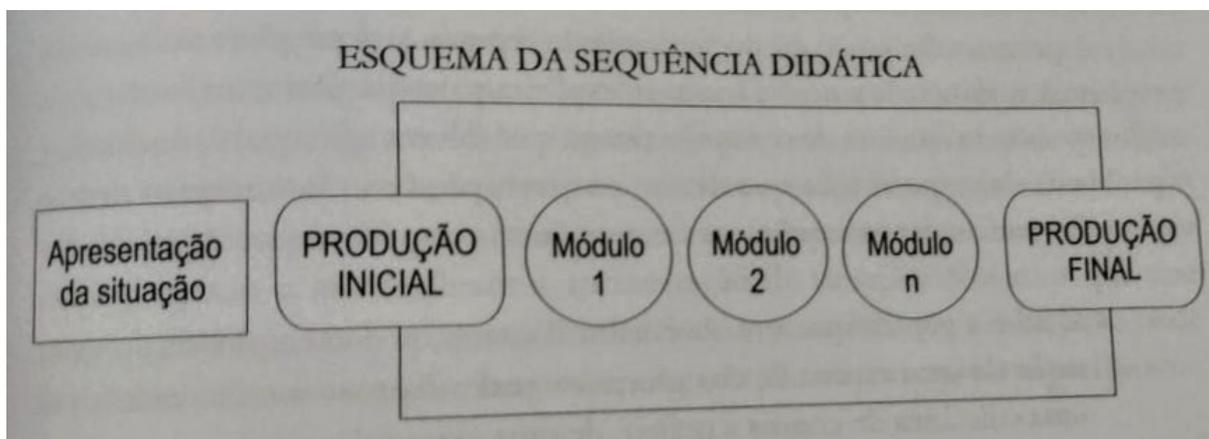


Figura 1 - Modelo de SD por Schneuwly e Dolz

Fonte: Schneuwly e Dolz (2004)

A SD é composta, como demonstrado na figura, de quatro etapas, sendo que a etapa de módulos é subdividida em quantas forem necessárias para o professor. A apresentação da situação é “o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada”. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 84). É o momento em que o aluno toma conhecimento sobre o conteúdo a ser aprendido, qual a importância desse conteúdo e, por fim, o que ele realizará nas atividades englobando o gênero em aprendizagem. Algo que está definido na dimensão “(a)” de Schneuwly e Dolz (2004), a qual utiliza quatro indagações para promover uma tentativa de resolução do problema de comunicação exposto: qual gênero será utilizado; quem é o receptor dessa mensagem?; qual será o meio de reprodução?, e quais serão os autores dessa produção? Ou seja, a primeira etapa tem o objetivo de distribuir as informações necessárias sobre essa nova proposta textual, assim como as noções linguísticas que estão envolvidas na tarefa.

A “Produção Inicial” engloba a realização de “um primeiro texto oral ou escrito e, assim, revelam para si mesmos e para o professor as representações que têm dessa atividade”. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 86). Realiza-se através de uma explicação “simplificada” do gênero para testar os conhecimentos do aluno, promovendo, em alguns casos, o primeiro contato com esse novo texto, sendo a tarefa que promoverá o aprendizado, o que fica explícito em dois tópicos discutidos pelos autores: “Um primeiro encontro com o gênero e realização prática de uma avaliação formativa e primeiras aprendizagens”. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 86-87).

Já a fase de “módulos” visa promover um trabalho de revisão, partindo do domínio apresentado pelo aluno na apresentação da situação. Ele promoverá uma

complementação sobre cada elemento do gênero, pois essa terceira etapa visa “trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 87).

Ainda segundo os autores, os módulos debatem 3 tópicos: 1) Os problemas que precisam ser trabalhados em perspectivas diferentes - englobando a “situação de comunicação” retratada, a construção dos tópicos, o planejamento textual e a produção textual; 2) As atividades e exercícios que precisam ser variados - como: observação e análise textual, produções textuais simplificadas e construção de uma linguagem “comum” - e, por fim, 3) Organização das aprendizagens.

Por último, com a finalidade de expor os resultados das revisões e refações, tem-se a produção final como última etapa da sequência proposta, a qual possibilita ao aluno “pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos. [...] permite, também, ao professor realizar uma avaliação somativa”. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 90). Isso propicia, ao aluno, dedicação com a sua aprendizagem, devida à conscientização sobre os tópicos fortes e fracos de seu desenvolvimento, sobre quais habilidades precisam de melhorias e como seu progresso ocorreu gradativamente durante a sequenciação.

Tendo deixado clara a informação sobre o tópico SD, sua contextualização e estrutura, parte-se agora para uma leitura e análise sobre o Ensino de Inglês e suas capacidades, ambos, também, pertinentes para o desenvolvimento do referente artigo.

## **2 | O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E SUAS CAPACIDADES DE LINGUAGEM**

Pode-se dizer que o ensino da língua inglesa hoje não é mais como há 10 ou 15 anos, visto que o objetivo almejado é completamente diferente, pois pessoas procuram adquiri-la não apenas como uma segunda língua ou uma língua estrangeira, mas sim como uma língua adicional que as possibilita estreitar relações, conversas e negociações, em sua maioria de cunho profissional, como também interessa muito aos pesquisadores, para que vejam novas vertentes e resultados de várias partes do mundo a respeito de suas linhas de investigação.

Por ser uma aquisição cognitiva tão necessária e tão abrangente, já que se faz presente em praticamente todas as linhas de pesquisa e áreas de atuação, os professores procuram desenvolver então uma metodologia de ensino apropriada para se ensinar o idioma nas mais diferentes partes do mundo e capaz de preparar “os aprendizes para serem falantes de inglês globais e locais e para se sentirem em casa tanto em contextos nacionais como internacionais” (KRAMSCH e SULLIVAN apud MARQUES, 2012, p.17).

Deve-se ter em mente também que o inglês não é ensinado apenas para que o aprendiz se sinta capaz de usar um outro idioma e se engrandecer ou se divertir com isso, mas para aprimorar seu conhecimento de mundo e desenvolver maior conhecimento

próprio, sendo também capaz de respeitar e talvez até mesmo se incluir em novas culturas, sabendo admirar e viver as diferenças, deixando de lado o julgamento do que é certo ou errado, ampliando a visão de mundo, quebrando barreiras.

Basta que se observe ao redor para ficar claro que, nos dias atuais, o inglês está presente nos mais variados tipos de comunicação, seja oral, seja escrita. Sendo assim, a maioria dos cursos universitários exige do aluno pelo menos o básico de fluência no idioma; ocorre também com as empresas ao contratarem um novo funcionário. O inglês passou a ser requisito básico.

Cresce assim o número de pessoas que buscam por esse aprendizado de forma mais rápida e eficaz, já que, em sua maioria, necessitam disso para cursar um nível superior ou conseguir um emprego.

É necessário, portanto, que o professor também saiba se adequar a essa presente realidade do mundo educacional, sabendo que cada área possui sua importância, mas reconhecendo também que a língua inglesa é uma disciplina que exige cada vez mais e maior evolução e desenvolvimento, pois, o que hoje movimenta o fluxo de ensino voltado a esse perfil é a agilidade e eficiência. Pessoas vivendo num mundo cada vez mais globalizado e precisando se adaptar e correr para não estacionar em qualquer limitação. E, muitas das vezes, o que se vê é uma falta de inovação e monotonia, no sentido de não mais evoluir, pois quase nada há de atrativo ao novo perfil de estudante que se tem hodiernamente.

Diante desse contexto, deve-se reconhecer que, através do estudo de um novo idioma e sua cultura, o estudante conseguirá transitar por várias esferas sociais. Dessa forma, suas capacidades de linguagem irão se desenvolver, as quais se subdividem em quatro, conforme serão demonstradas da tabela 1:

Capacidade de ação (CA)	As capacidades de ação têm como função situar o leitor e o escritor “a respeito da função social do texto, a qual é determinada pelo contexto e pelo tema/referente”.
Capacidade discursivas (CD)	Capacidades relacionadas à “mobilização de modelos discursivos necessários à compreensão e produção de um texto”.
Capacidade linguístico-discursivas (CLD)	São as capacidades que “operacionalizam o domínio de unidades linguísticas implicadas na compreensão e produção de um texto”, ou seja, o sentido de determinado assunto dentro de um texto.
Capacidade de significação (CS)	São as capacidades que propiciam ao indivíduo um meio de construir sentido por meio de conhecimentos e/ou representações sobre práticas sociais (contexto histórico, ideológico, econômico, sociocultural, etc.) “que envolvem esferas de atividade, atividades praxiológicas em interação com conteúdos temáticos de diferentes experiências humanas e suas relações com atividades de linguagem”.

Tabela 1 - As quatro capacidades de linguagem (CL)

Fonte: Cristovão e Stutz apud Cristóvão e Pontara (2017) com adaptações.

Após a exposição das quatro capacidades de linguagem, é importante ter em

mente que sua função não é servir de etapas pré-estabelecidas e padronizadas para uma aula com foco em produção textual; elas são apenas complementares; servem de apoio para a melhor compreensão em relação ao que se lê, escreve, fala e/ou escuta.

Portanto, para um professor que saiba se utilizar e desenvolver tais capacidades no aluno, fará mais sentido a aplicação real da língua inglesa na vida de cada um deles, pois irão desenvolver e criar uma relação efetiva e concreta entre o que foi visto na teoria e sua aplicação autêntica. Na seção 3, será exposto um exemplo de como isso pode ser aplicado utilizando-se o gênero cardápio, gênero recorrente no cotidiano dos indivíduos.

### **3 | UMA PROPOSIÇÃO DE SD UTILIZANDO O GÊNERO CARDÁPIO**

Utilizando os estudos sobre as noções sobre SD e o ensino de LI, sugeriu-se, com base no artigo de Corrêa, Brito e Tognato (2018), reformular a proposta de SD para se trabalhar o gênero cardápio. O texto aqui tecido irá se apropriar das inconsistências encontradas por Corrêa et al. (2018) na SD proposta por pibidianos da Universidade Estadual do Paraná - *Campus* de União da Vitória, bem como realizar outras discussões para formular novas sugestões que contornem as problemáticas diagnosticadas.

#### **3.1 SD com gênero cardápio: problematizações necessárias**

O artigo em questão analisa uma proposta de caderno pedagógico, que foi um material didático produzido, neste caso, por pibidianos de um campus da Unespar do Paraná. Trata de gêneros textuais em Língua Estrangeira (LE) e Práticas Sociais, focando, especificamente, a unidade 4, em que a proposta realizada por pibidianos se encontra. No artigo é exposto a macroestrutura referente a SD e as CL, representada visualmente na figura 2.

Unidade 4: Gênero Cardápio						
Público Alvo: 8.º ANO						
Etapas	Atividades	Objetivos	CL mobilizadas			
			CA	CD	CLD	CS
1 Apresentação do gênero Cardápio (100 minutos 2 aulas)	A História do gênero Cardápio	i) Ativar os conhecimentos dos alunos sobre o gênero;	■			■
		ii) Prepará-los para as próximas etapas da sequência, a partir de atividades que explicam a estrutura do gênero;		■		
		iii) Criar interesse sobre o gênero;				■
	B Leitura de cardápios (inglês e português)	iv) Apresentar material autêntico aos alunos, ampliando seu conhecimento de mundo;	■			
		v) Testar sua capacidade de localizar contrastes e semelhanças;		■		
2 Produção dos alunos (100 minutos 2 aulas)	C Componentes do Cardápio	vi) Verificar o aprendizado dos alunos em relação às características do gênero, expostos na etapa anterior;		■		
		vii) Praticar o léxico específico do universo dos alimentos, dividindo-os em categorias;			■	
		viii) Estimular a capacidade dos alunos de relacionar o léxico específico do Cardápio às suas imagens;			■	
	D Estudo das classes gramaticais	ix) Reforçar o léxico específico do universo dos alimentos através da divisão em classes de palavras;			■	
	E Apresentação dos trabalhos	x) Expor o trabalho dos grupos para o restante da turma, motivando-os e compartilhando o conhecimento.				■
3 Criação dos cardápios (100 minutos 2 aulas)	F Produção em grupos	xi) Apresentar a frase “imagem meramente ilustrativa”		■		■
		xii) Praticar o conhecimento adquirido, criando produções de cardápios.	■	■	■	■
4 Visita da Nutricionista (50 minutos 1 aula)	G Diálogo com o/a nutricionista	xiii) Discutir sobre alimentação com um profissional da área;				■

Figura 2 - Macroestrutura da SD dos pibidianos

Fonte: Corrêa et al. (2018)

Como exposto na figura 2 e discutido no artigo de Corrêa et al. (2018), percebe-se que a SD proposta pelos pibidianos não seguia detalhadamente o modelo base de Schneuwly e Dolz. Em uma primeira observação, nota-se que sua estrutura está confusa por não ser tão linear. Um exemplo seria a quarta etapa, voltada para uma entrevista com um(a) nutricionista, que, com base no que se infere da teoria de Schneuwly e Dolz (2004) deveria ser uma atividade incluída na fase de “Apresentação da Situação” para disponibilizar informações extras para os alunos. Com isso, o aluno seria capaz de adquirir conhecimento prévio sobre o assunto antes da produção textual propriamente dita. E, ainda, o que se assemelha à “produção final”, que está intitulado como “Produção dos cardápios”, é a terceira etapa. Entretanto, segundo Marcuschi (2008), a SD deve ser composta de quatro etapas, expressamente bem divididas e explicadas, sendo a de “Produção Final” a última.

Afirmando os pontos observados em nossa análise, Corrêa et al. (2018) entendem

(...) que a quarta etapa não deveria ter finalizado a SD elaborada pelos pibidianos, uma vez que os conhecimentos adquiridos durante a ‘visita da nutricionista’ poderiam ter proporcionado ampliação ou aprimoramento do conhecimento de mundo dos aprendizes e, conseqüentemente, ter contribuído para uma melhor ‘produção final’ do gênero selecionado (CORRÊA ET AL., 2018, p.36).

Essas autoras reconhecem que problemas podem acontecer, ainda mais envolvendo atividades fora do ambiente escolar que podem prejudicar o cronograma do professor, mas explicitam que a lacuna encontrada na SD é algo que deveria ter sido pensado melhor. Tendo em mente os problemas existentes, disponibiliza-se uma tabela a fim de facilitar a observação dos tópicos problemáticos.

A terminologia “metodologia”	Não há distinção do uso do termo quando faz referência a <i>encaminhamento</i> . Em muitas vezes, a <i>metodologia</i> não é apresentada no planejamento da SD, apenas seus <i>objetivos</i> .
O uso da palavra “objetivos”	Não há clareza sobre a quem se referem os objetivos: em um momento os objetivos visados eram em relação ao professor, em outros faziam referência às capacidades a serem desenvolvidas pelos alunos

Tabela 1 - Lacunas encontradas na SD dos pibidianos

Fonte: Corrêa et al. (2018).

A organização da SD	A atividade “Visita a um(a) Nutricionista” carece de possibilidades ao ser colocada como última etapa da SD, e não como parte da primeira etapa.
	A SD não segue todos os detalhes do padrão original, o que problematiza o seu encaminhamento.

Tabela 2 - Outras lacunas encontradas na SD dos pibidianos

Fonte: As autoras. (2019).

Desse modo, entende-se como é necessário que o planejamento curricular seja extremamente detalhado e revisado, para que as lacunas sejam mínimas. A atividade proposta pelos pibidianos carece de certas informações para total entendimento da sequência proposta. Será almejado, na seção a seguir, propor reformulações, em uma nova SD, para os problemas encontrados na SD proposta pelos pibidianos.

### 3.2 O gênero cardápio em sala de aula: sugestão de aperfeiçoamento da proposta pibidiana

Com a análise realizada na seção acima, observaram-se algumas lacunas na SD proposta pelos pibidianos, as quais podem ter ocorrido, principalmente, pela sua sequência não linear e precariamente dividida e explicada. Com isso em mente, foi proposta a reformulação da SD, buscando aperfeiçoamento. A priorização foi seguir à risca o modelo de Schneuwly e Dolz (2004) e deixar as etapas bem explicativas e devidamente separadas. O modelo está exposto na imagem seguinte.

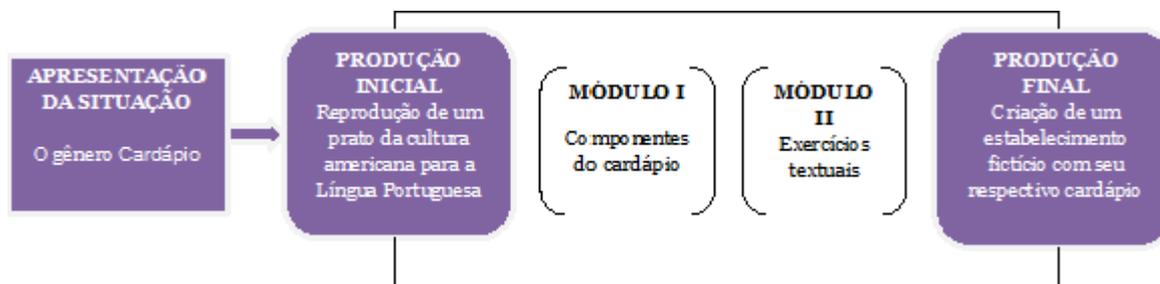


Figura 3 - A nova SD para se trabalhar o gênero cardápio

Parte-se agora para a explicação detalhada de cada seção, assim como a assimilação de cada atividade e qual capacidade de linguagem será desenvolvida. Segue o modelo de macroestrutura adaptado de Corrêa et al. (2018).

Público-Alvo: 8º Ano						
Etapas	Atividades	Objetivos do professor	CL mobilizadas no aluno			
			CA	CD	CLD	CS
Apresentação da Situação	Breve história do gênero cardápio	Ativar o conhecimento do aluno à respeito do novo gênero;	X			
		Demonstrar qual a finalidade do gênero;	X			
	Leitura de cardápios (português e inglês,) da rede Outback (americana)	Apresentar o material aos alunos, permitindo observação da estruturação desse gênero textual;	X		X	
		Ampliar o conhecimento do aluno sobre <i>Steakhouses</i> , e ver sua percepção sobre as diferenças e similaridades entre os dois cardápios; (português e inglês);	X	X		
	Visita a um(a) nutricionista	Oportunidade para que o aluno discuta sobre alimentação com um profissional da área;				X

Produção Inicial	Reproduzir um prato, de sua escolha, da cultura americana para a Língua Portuguesa.	Verificar a capacidade do aluno de trabalhar se trabalhar o gênero cardápio;	X			
		Observar como o aluno escolhe os vocábulos;			X	
		Analisar a interpretação textual que o aluno realiza, mesmo que inconscientemente;		X		
Módulo I	Componentes do Cardápio	Verificar o aprendizado dos alunos em relação às características do gênero;		X		
		Possibilitar a prática do léxico específico do universo dos alimentos, dividindo-os em categorias;			X	
		Estimular a capacidade dos alunos de relacionar o léxico específico do cardápio às suas características;			X	
Módulo II	Exercícios de compreensão textual, que tenham como temática comida da cultura americana;	Possibilitar o aprimoramento do léxico do aluno através do contato direto com textos na língua estrangeira;			X	
		Demonstrar como o léxico pode ser utilizado;	X		X	
		Impulsionar a capacidade textual dos alunos na língua estrangeira escolhida;			X	
		Avaliar a capacidade do aluno através de atividades de interpretação;			X	X

Produção final	Criação de um estabelecimento fictício com seu respectivo cardápio, tanto em português quanto em inglês. A decisão a respeito do estilo de estabelecimento e os elementos do cardápio ficam sob autonomia do aluno.	Impulsionar o aluno a fazer inferências sobre o destinatário do texto e o objetivo deste para a produção;	X			
		Fazer com que o aluno utilize seus conhecimentos para realizar as escolhas de organização textual, léxico e questões de estilo na edição do texto;			X	
		Através da compreensão sobre os estudos anteriores o aluno promoverá a relação entre o texto e os aspectos da realidade;				X
		Capacitar o aluno para relacionar o estabelecimento e seu cardápio;		X		

Tabela 2 - A macroestrutura da nova SD  
 Fonte: As autoras segundo Corrêa et al. (2018).

## CONCLUSÃO

Percebe-se que é necessária extrema precaução e revisão ao planejar uma SD, independente de qual gênero será trabalhado. Isso porque a SD apresenta uma sequência de atividades a serem seguidas para o planejamento, sendo: a Apresentação da Situação, Produção Inicial, Módulos e Produção Final. Como debatido anteriormente, a SD, segundo Schneuwly e Dolz (2004), é um método que permite organizar as atividades de âmbito escolar, voltadas para o trabalho com gêneros textuais orais e/ou escritos.

Desse modo, qualquer mínimo detalhe que não seja seguido, como a sequência padrão pelos autores, a qual não foi seguida totalmente pelos pibidianos, pode dificultar a assimilação da SD proposta, assim como complicar o segmento das atividades. Como discutido na seção 3, os pibidianos escolheram uma ordem de atividades que não favorece a proposta. Um exemplo é pelo fato de terem colocado a atividade “Conversa com um Nutricionista” por último, sendo que se estivesse presente na “Apresentação da Situação” teria enriquecido o conhecimento prévio do aluno para as futuras produções e trabalhos. Ao ser posta como atividade final da SD, ela perde o seu potencial por servir apenas como fechamento do conhecimento, e não como um

ponto de partida para a pesquisa.

Tomando, também, como ponto de observação a Língua Inglesa, observou-se que também existe o trabalho com textos. Apesar de o comum a ser trabalhado pelas escolas brasileiras seja a gramática, o trabalho com gêneros textuais em Inglês também é possível, e é extremamente válido. Deve-se impulsionar e promover cada vez mais o trabalho com gêneros textuais em Inglês, sobretudo explorando o usos da SD para favorecer o aprendizado desses textos.

Conclui-se, a partir do que foi exposto, que a SD exige um trabalho extremamente minucioso, com atenção aos mínimos detalhes do projeto que está sendo realizado. E, tendo em vista as considerações lidas e analisadas no artigo sobre as SDs dos pibidianos, foi realizada uma proposta de reformulação utilizando o gênero Cardápio que buscou seguir à risca os preceitos de Schneuwly e Dolz (2004), a fim de evitar complicações e explorar as capacidades de linguagem em cada atividade, tornando-se mais simplificada visual e didaticamente, além de ser mais abrangente com seus conteúdos e atividades.

## REFERÊNCIAS

BRITO, K. S.; CORRÊA, F. P. P.; TOGNATO, M. I. R. Gêneros de texto por meio de práticas sociais em Língua Inglesa: o papel da sequência didática produzida por pibidianos. **Ensino & Pesquisa**, v. 16, n. 3, 2018. Disponível em: <[http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/2247/pdf\\_80](http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/2247/pdf_80)>. Acesso em: 20 fev. 2019.

CRISTÓVÃO, V. L. L.; PONTARA, C. L. Gramática/análise linguística no ensino de inglês (língua estrangeira) por meio de sequência didática: uma análise parcial. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 33, n. 3, 2017. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v33n3/1678-460X-delta-33-03-00873.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

EDUCA ME. **O que é uma sequência didática?**. Disponível em: <<http://naescola.eduqa.me/registros/o-que-e-uma-sequencia-didatica/>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

LIMA, T. C. S.; KOPPE, C. T. **Inglês básico nas organizações**: [livro eletrônico]. 1 ed. Curitiba: InterSaberes, 2013. 205 p. Disponível em: <<https://bv4.digitalpages.com.br/?from=listas-de-leitura&page=7&section=0#/edicao/6464>>. Acesso em: 10 fev. 2019

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, F. S. **Ensinar e aprender inglês**: o processo comunicativo em sala de aula [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaberes, 2012. 293 p. Disponível em: <<https://bv4.digitalpages.com.br/?from=listas-de-leitura&page=19&section=0#/edicao/5935>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gênero orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-378-1

